

NARRATIVA Nº 01 – AMO¹

Nome completo: Almerinda Maria de Oliveira.

Filiação: Fernando e Ana.

Naturalidade: Riachão do Jacuípe-BA.

Data de nascimento: 05 de julho de 1936.

Idade: 80 anos.

Estado civil: viúva.

Escolaridade: estudou pouco em casa.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: morou na faz. Poços, até os cinco anos, depois mudou para faz. Pau de Colher.

Perfil: falante, extrovertida.

Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe-BA.

[...] Doc.: A senhora sabe escrever?

Inf.: Eu faço aparência.

Doc.: E a senhora aprendeu como?

Inf.: Ah, eu aprendi dentro de casa com a minha irmã... foi aí eu... só... pratiquei o pouco que aprendi ficava lendo livro, letra graúda no jornal, até que... aprendi fazer.

Doc.: E sua irmã, tinha estudo?

Inf.: Quem disse? A merma coisa, do meu pra o fim eu tava sabendo mais que ela... que ela não praticou e eu fiquei praticando.

Doc.: E a senhora nunca foi na escola?

Inf.: Não.

Doc.: Mas quando a senhora teve os filhos da senhora, a senhora ensinou a eles? Abelmanto me disse que a senhora deu aula pra ele.

Inf.: É eu ensinava meus filhos dentro de casa... foi... todos eles eu ensinava que não tinha escola aí eu ensinava aí... quando foi... do meu pra o fim surgiu uma escola... de Maria das Neves, aí ela veio chamando botei os meninos... os meninos foram tudo pra lá, só não foi os dois mais veio, mas depois entraram no Mobral... no Mobral eles já sabiam tudo, né? Aí eu sempre ensinava a eles... depois passou, os mais novos foram pra essa escola e terminaram lá na escola eu sempre, todos eles eu ensinei um pouquinho pra quando chegasse na escola já tava mais... foi tanto que Abelmanto quando entrou... todos eles todos quando entrou todo ano tirava nota dez, era todos eles.

¹ A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas. A maior parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA. Foram transcritos os trechos narrados que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura, dos contextos de letramento dos sertanejos (para as narrativas completas, cf. gravações).

Doc.: E na casa da senhora, a senhora lembra dos ensinamentos dos pais da senhora? Eles contavam histórias?

Inf.: Não, não era... eles... eles... se eles... eles era analfabeto eles num sabia nada, nem fazer a letra dele o nome deles num fazia.

Doc.: Mas contavam história para os filhos?

Inf.: Olha, história pouca que eles contava.

Doc.: A senhora trabalhava na infância, na adolescência?

Inf.: Trabalhava mais assim ajudano meu pai na roça, judano minha mãe dento de casa.

Doc.: E tinha algum material de leitura na casa da senhora?

Inf.: Tinha um que... só alembro uma cartilha... era uma cartilha... aí foi... pegano livro de alguém [inint] até que eu... fui aprendeno mais.

Doc.: E as carta, a senhora gostava de escrever carta? Naquela época existia muita carta, a senhora escreveu?

Inf.: Eu tinha muita carta agora eu num acertava escrever carta não, eu escrevia assim mas num era muita coisa não, num tinha uma memória boa pra fazer uma carta.

Doc.: Mas recebeu muitas cartas, não foi?

Inf.: Foi... a gente recebia, que tinha uns colegas que... eu tinha uma... uma cunhada... uma concunhada, ela morava aqui e foi lá pra... pra Taboa lá ne... como é que chama o nome? Ipirá... aí ela de lá... de lá ela escrevia pra cá a gente fa- tinha vez que fazia também mas... fazia um quebra galho pra ela respondia as carta.

Doc.: Seu Fortunato escreveu muito pra senhora não foi?

Inf.: Aí esse... esse Antônio Fortunato era meu compade... morou aqui mais eu uns dia, cabou de se criar, casou... aí mudaram pra São Paulo aí onde mandava carta... [inint.] mandava carta direto... tem outro que era um um colega casou com uma... uma colega minha se mudou também foi... foi pra...o quê? Parece que eu não sei o... o lugar que ele morava não... não lembro mais onde ele morava... é longe daqui é pra lá se São Paulo... aí ela eles também costumava escrever.

Doc.: E hoje em dia a senhora ainda lê alguma coisa?

Inf.: Eu gosto de lê bastante escrever não... de lê até hoje se eu pudesse...

Doc.: O que a senhora lê?

Inf.: Eu leio a Bíblia, leio folheto eu leio livro religioso e leio alguma bobage que aparecer de... de qualquer coisa que eu ver escrito quero ver o que tem dento.

Doc.: A cartilha que a senhora falou que tinha não tem mais não, né?

Inf.: Parece que eu não tenho mais não foi não tem mais não... eu a... foi era enquanto era moderna o pessoal largou de escrever.

Doc.: Não. A cartilha, o livro que a senhora disse que estudou quando era pequena.

Inf.: A cartilha num tem mais não.

Doc.: A senhora lembra se na região tinha uma professora chamada Margarida, aqui na região?

Inf.: Tinha.

Doc.: Quem era ela?

Inf.: Margarida é uma professora era uma professora que ela... ela morava ali na fazenda Jiboia pra o lado de Coité ela foi... era catequista, era minha catequista era...

Doc.: Então a senhora estudou catequese.

Inf.: Eu não estudei não, eu estudei a catequese com ela, agora na escola num fui não.

Doc.: E ela estudou fora foi pra vim dar aula aqui?

Inf.: Ela se estudou fora? Eu acho que não... não sei isso aí eu não sei não.

Doc.: É porque ela era professora né, como ela aprendeu a ser professora?

Inf.: Eu sei que... ela... ela morava lá pra o lado de... a gente custava, ver até acho que morava pra o lado de Coité, ela casou morava aí nessa fazenda Jiboia e agente num via ela... sempre... peguemo ver depois da... da catequese [...].

Doc.: E a outra professora foi das Neves?

Inf.: A outra dos menino foi Maria das Neve... ela estudava, ela inventou essa escola e vei ensinar os menino aí veio pedir pra os menino entrar na escola aí a gente aceitou.

Doc.: Antônio é seu filho, né?

Inf.: Antônio? Eu tenho um filho chamado Antônio Hildebrando.

Doc.: Ele escreveu uma carta pra senhora. Eu queria fazer a entrevista com ele também.

Inf.: Escreveu uma carta.

Doc.: Foi. daquelas que a senhora me deu, tem uma carta de Antônio.

Inf.: Essa de Antônio ele tava ne Salvador foi... ele tava lá ne Salvador ele escreveu... essa carta pra mim.

Doc.: Ele mora onde hoje?

Inf.: Ele mora no Riachão, quer dizer entre o Riachão e aqui [...].

Doc.: A senhora lembra de Zulmira que escreveu uma carta pra senhora?

Inf.: Zulmira? Ah, lembro é minha comadre ela mora lá ne Taboa também [...].

Doc.: Jesuíno, a senhora lembra?

Inf.: Jesuíno também mora lá.

Doc.: Lázaro?

Inf.: Lázaro, ah, tá ne São Paulo.

Doc.: Mas não vem aqui sempre não, né?

Inf.: Ah custa, menina, eu não sei quando eu vi esse homem, eu não sei se eu ver eu conheço mais [...].

Doc.: E Zulmira vem aqui sempre não?

Inf.: Não, ele custa [...].

Doc.: Manuel de Oliveira?

Inf.: É cunhado. Esse já faleceu.

Doc.: E Nina?

Inf.: Nina? É minha concunhada casada com... com meu cunhado.

Doc.: Ela mora onde?

Inf.: É lá ne... ne Pintada também, essa Taboa.

Doc.: Taboa é uma fazenda? [...]

Inf.: Taboa é roça é, fazenda [...].

Doc.: Porque Jesuíno, Zulmira e Nina moram lá, né?

Inf.: Zulmira, esse Jesuíno, tudo mora pra lá afastado um do outro, mas na mesma fazenda Taboa.